

Chloe Benjamin

Os Imortalistas

Tradução

Mário Dias Correia

Para a minha avó, Lee Krug

Prólogo

A Mulher de Hester Street

1969

Varya

Varya tem treze anos.

Os sete centímetros e meio a mais de altura e a mancha de pêlos escuros entre as pernas são novidade para ela. Os seus seios têm o tamanho da palma de uma mão e os mamilos são cêntimos cor-de-rosa. O cabelo que lhe desce até à cintura é castanho-médio – não o negro de Daniel nem o amarelo-limão dos caracóis de Simon ou o bronze de Klara. De manhã, penteia-o em duas tranças francesas; gosta de senti-las roçar-lhe a cintura como caudas de cavalo. O pequeno nariz não é de ninguém, ou pelo menos é o que acha. Quando tiver vinte, terá crescido e assumido toda a sua aquilina majestade: o nariz da mãe. Mas ainda não.

Serpenteiam pelas ruas do bairro, todos os quatro: Varya, a mais velha; Daniel, onze anos; Klara, nove, e Simon, sete. Daniel vai à frente, desce a Clinton até à Delancey, vira à esquerda na Forsythe. Contornam o perímetro do Sara D. Roosevelt Park, mantendo-se na sombra das árvores. À noite o parque torna-se turbulento, mas nesta manhã de terça-feira há apenas grupos dispersos de jovens que dormem a ressaca dos protestos do fim-de-semana anterior, as caras encostadas à relva.

Na Hester, os irmãos caminham em silêncio. Aqui têm de passar pela loja do pai, a Gold's Tailor and Dressmaking, e embora seja pouco provável que ele os veja – Saul trabalha com uma absorção total, como

se o que está a coser não fosse a bainha de umas calças de homem mas a tessitura do universo –, continua a ser uma ameaça à magia deste quente e húmido dia de Julho e do seu precário e trémulo propósito, que vieram ali procurar.

Apesar de ser o mais novo, Simon é rápido. Veste uns calções de *jeans* que «herdou» de Daniel, e que serviam ao irmão quando ele tinha a mesma idade mas que lhe escorregam da estreita cintura. Leva numa mão um saco feito de um tecido com motivos chineses e atado por um cordel. Lá dentro, restolham notas de dólar e moedas chocalham a sua música tilintante.

– Onde é esse lugar? – pergunta.

– Acho que é aqui – diz Daniel.

Olham para a fachada do velho edifício – para o zigzague das escadas de incêndio e para as janelas escuras e rectangulares do quinto piso, onde consta que reside a pessoa que vieram procurar.

– Como entramos? – pergunta Varya.

É muito parecido com o prédio de apartamentos onde eles vivem, só que é creme em vez de castanho e tem cinco andares em vez de sete.

– Acho que tocamos à campainha – diz Daniel. – À campainha do quinto andar.

– Pois – comenta Klara –, mas que número?

Daniel tira um amarrotado recibo do bolso de trás das calças. Quando ergue os olhos, a suas faces estão rosadas.

– Não tenho a certeza.

– Daniel!

Varya encosta-se à parede do edifício e abana uma mão em frente da cara. Estão quase trinta e dois graus, o suficiente para fazer a linha do cabelo comichar-lhe de suor e a saia colar-se-lhe às ancas.

Simon senta-se no asfalto, a bolsa de pano a pender-lhe entre as pernas como uma alforreca. Klara tira um caramelo do bolso. Antes que possa desembrulhá-lo, a porta do edifício abre-se e um homem novo sai. Usa uns óculos de sol de lentes roxas e uma camisa aos quadrados desabotoada.

Faz um aceno de cabeça aos Gold.

– Querem entrar?

– Sim, queremos – responde Daniel, e está a pôr-se de pé e a avançar para o interior seguido pelos outros e a agradecer ao homem dos óculos roxos antes de a porta se fechar. Daniel, o destemido e meio trapalhão líder do quarteto e autor da ideia de irem até ali.



Ouviu dois rapazes a falar, na semana anterior, quando estava na fila para a comida chinesa *kosher* da Shmulke Bernstein's, onde tencionava comprar uma das tartes quentes de ovo e custarda que tanto gosta de comer, mesmo quando está calor. A fila era comprida, as ventoinhas zumbiam no máximo da velocidade, de modo que teve de inclinar-se para a frente para ouvir os rapazes e o que diziam a respeito da mulher que assentara residência temporária no último piso de um edifício em Hester Street.

No caminho de volta ao número 72 da Clinton, Daniel sentia o coração saltar-lhe no peito. No quarto, Klara e Simon jogavam Escadas e Serpentes no chão enquanto Varya lia um livro no seu beliche superior. *Zoya*, a gata branca e preta, estava deitada em cima do radiador, num quadradinho de sol.

Daniel expôs-lhes o seu plano.

– Não compreendo – disse Varya, e apoiou um pé sujo no tecto.
– O que *faz* ao certo essa mulher?

– Já disse. – Daniel estava hiperexcitado, impaciente. – Tem poderes.

– Como o quê, por exemplo? – perguntou Klara, a mover a sua peça no tabuleiro. Tinha passado a primeira parte do Verão a ensinar a si mesma truques de prestidigitação de Houdini usando um baralho de cartas e um elástico, com moderado êxito.

– O que ouvi dizer – disse Daniel – é que ela sabe ler a sorte. O que vai acontecer no futuro... se vamos ter uma vida boa ou uma má. E há mais uma coisa. – Apoiou as mãos nas ombreiras da porta e inclinou-se para dentro. – É capaz de dizer quando uma pessoa vai morrer.

Klara ergueu a cabeça.

– Isso é ridículo – disse Varya. – Ninguém é capaz de prever uma coisa dessas.

– Mas se fosse? – perguntou Daniel.

– Se fosse, não queria saber.

– Por que não?

– Porque. – Varya pousou o livro e sentou-se, as pernas a penderem da beira do beliche. – E se forem más notícias? E se ela te disser que vais morrer antes de chegares a adulto?

– Eu gostaria de saber – respondeu Daniel. – Para poder fazer tudo antes.

Houve um compasso de silêncio. Então Simon começou a rir, o seu corpo de ave a estremecer. A cor do rosto de Daniel tornou-se mais carregada.

– Estou a falar a sério – disse. – Eu vou. Não aguento nem mais um dia neste apartamento. Recuso-me. Quem raios vai comigo?

Talvez nada tivesse acontecido se não estivessem no pino do Verão, com um mês e meio de húmido tédio pelas costas e mais mês e meio do mesmo pela frente. O apartamento não tinha ar condicionado, e neste ano – o Verão de 1969 – parece que alguma coisa está a acontecer a toda a gente menos a eles. As pessoas drogam-se em Woodstock e cantam *Pinball Wizard* e vêem *O Cowboy da Meia-Noite*, que nenhum dos Gold mais novos está autorizado a ver. Amotinam-se em frente da Stonewall, arrombam as portas com parquímetros arrancados do passeio, partem montras e máquinas de discos. São assassinadas da maneira mais sangrenta possível, com explosivos químicos e armas capazes de disparar quinhentas balas seguidas, os seus rostos mostrados com horripilante imediatismo na televisão da cozinha dos Gold. «Andam a passear na puta da Lua», diz Daniel, que começou a usar este género de linguagem, mas só quando está a uma distância segura da mãe. James Earl Ray é condenado, e Sirhan Sirhan também, e enquanto tudo isto acontece os Gold jogam às cartas, ou aos dardos, ou resgatam *Zoya* de um cano aberto atrás do forno, que ela parece considerar a sua verdadeira casa.

Mas alguma coisa mais criou a atmosfera exigida para esta peregrinação: são irmãos, este Verão, de uma maneira que nunca mais voltarão

a ser. No próximo ano, Varya irá para os Catskills com a sua amiga Aviva. Daniel estará imerso nos rituais privados dos rapazes do bairro, deixando Klara e Simon sozinhos. Mas em 1969 ainda são uma unidade, ligados como se não fosse possível ser de outra maneira.

– Eu vou – disse Klara.

– Eu também – disse Simon.

– Como conseguimos falar com ela? – perguntou Varya, que, com treze anos, sabia que nada é grátis. – Quanto cobra?

Daniel franziu a testa.

– Vou descobrir.



Foi então assim que começou: um segredo, um desafio, uma escada de incêndio que usaram para fugir à atravancadora presença da mãe, a exigir-lhes que pendurassem a roupa lavada ou tirassem o raio do gato do tubo sempre que os apanhava a mandriar no quarto dos beliches. Os Gold perguntaram, investigaram. O dono de uma loja de magia em Chinatown tinha ouvido falar da mulher de Hester Street. Era uma nómada, disse a Klara, viajava pelo país a fazer o seu trabalho. Antes de Klara sair, o dono da loja ergueu um dedo, desapareceu na coxia do fundo e regressou com um grande livro quadrado chamado *O Livro da Adivinhação*. A capa mostrava doze olhos abertos rodeados de símbolos. Klara pagou sessenta e cinco cêntimos e voltou a casa com ele debaixo do braço.

Alguns dos outros residentes do número 72 de Clinton Street sabiam da mulher. A senhora Blumenstein tinha-a conhecido nos anos de 1950 numa festa fabulosa, disse a Simon. Deixou o seu *schнауzer* sair para o degrau do portal, onde Simon estava sentado e onde o cão de imediato produziu um cagalhoto do tamanho de um berlinde que a senhora Blumenstein não limpou.

– Leu-me a palma da mão. Disse-me que ia ter uma vida muito longa – disse a senhora Blumenstein, a inclinar-se para a frente para dar mais ênfase. Simon reteve a respiração: o hálito da senhora Blumenstein

cheirava a velho, como se estivesse a exalar o mesmo ar com noventa e nove anos que inalara quando era bebé.

– E sabes uma coisa, meu querido, acertou.

A família hindu do sexto andar chamou à mulher uma *rishika*, uma vidente. Varya embrulhou um pedaço do *kugel* de Gertie em papel de alumínio e levou-o a Ruby Singh, sua colega de aula na PS 42, em troca de um prato de galinha picante com manteiga. Comeram na escada de incêndio enquanto o Sol se punha, as pernas nuas a balouçar debaixo das grades.

Ruby sabia tudo a respeito da mulher.

– Há dois anos – disse –, eu tinha onze e a minha avó adoeceu. O primeiro médico disse que era do coração. Disse que ela não durava mais de três meses. Mas o segundo médico disse que era suficientemente forte para recuperar. Achava que ia viver mais dois anos.

Lá em baixo, um táxi passou com os pneus a guinchar na Rivington. Ruby voltou a cabeça para olhar, de olhos semicerrados, para o East River, verde-acastanhado de lodo e das descargas dos esgotos.

– Um hindu morre em casa – disse. – Rodeado pela família. Até os parentes do papá na Índia queriam vir, mas que podíamos nós dizer-lhes? Fiquem cá dois anos? Então o papá ouviu falar da *rishika*. Foi falar com ela, e ela deu-lhe uma data... o dia em que a Dadi ia morrer. Pusemos a cama da Dadi no quarto da frente, com a cara voltada para leste. Acendemos uma lâmpada e fizemos vigília: a rezar, a cantar hinos. Os irmãos do papá vieram de avião, de Chandigarh. Eu sentei-me no chão com os meus primos. Éramos vinte, talvez mais. Quando a Dadi morreu a 16 de Março, tal como a *rishika* tinha dito, chorámos de alívio.

– Não ficaram zangados?

– Por que havíamos de ficar zangados?

– Por essa mulher não ter salvado a tua avó – disse Varya. – Por não a ter curado.

– A *rishika* deu-nos a oportunidade de dizer adeus. Nunca conseguiremos pagar-lhe o que fez. – Ruby comeu o último pedaço de *kugel* e dobrou o papel de alumínio ao meio. – De todos os modos, ela não

podia curar a Dadi. A *rishika* sabe coisas, mas não pode impedi-las. Não é Deus.

– Onde está agora? – perguntou Varya. – O Daniel ouviu dizer que mora num prédio em Hester Street, mas não sabe o número.

– Também não sei. Fica sempre num lugar diferente. Por segurança.

Do interior do apartamento dos Singh chegou-lhes o barulho de qualquer coisa a cair no chão e o som de alguém a gritar em hindi.

Ruby pôs-se de pé e sacudiu as migalhas da saia.

– Porquê por segurança? – perguntou Varya, levantando-se também.

– Há sempre alguém atrás de uma mulher assim – disse Ruby. – Quem sabe o que ela sabe?

– Rubina! – chamou a mãe de Ruby.

– Tenho de ir.

Ruby saltou pela janela que fechou depois de entrar e Varya teve de descer a escada de incêndio até ao quarto andar.

Varya estava espantada com a maneira como a notícia da existência da mulher se tinha espalhado tanto, mas nem toda a gente ouvira falar dela. Quando mencionou a vidente aos homens que trabalhavam ao balcão na Katz's, com números tatuados nos braços, eles olharam para ela com medo.

– Miúdos – disse um deles. – Por que querem envolver-se numa coisa dessas?

A voz foi dura, como se Varya o tivesse insultado pessoalmente. Varya saiu com a sua sanduíche, confusa, mas não voltou a trazer o assunto à baila.



No fim, os mesmos rapazes que Daniel tinha ouvido da primeira vez deram-lhe a morada da mulher. Viu-os naquele fim-de-semana quando ia a caminhar pela faixa pedonal da Williamsburg Bridge, encostados ao parapeito, a fumar droga. Eram mais velhos do que ele – talvez catorze anos – e Daniel forçou-se a confessar que os tinha escutado antes de perguntar mais qualquer coisa.

Os rapazes não pareceram ficar aborrecidos. Deram-lhe sem problemas o número da porta do prédio onde se dizia que a mulher habitava, embora não soubessem dizer-lhe como marcar uma consulta. De acordo com os rumores que circulavam, explicaram, era preciso levar uma oferenda qualquer. Uns diziam que era dinheiro, outros que a mulher já tinha todo o dinheiro de que precisava e que iam ter de ser criativos. Um dos rapazes levou um esquilo ensanguentado que encontrara na berma da estrada, recolhera com uma pinça e entregara dentro de um saco de plástico fechado. Mas Varya argumentou que ninguém queria uma coisa daquelas, nem uma vidente, de modo que acabaram por juntar as semanadas de todos no saco de pano fechado com o cordel na esperança de que fosse o suficiente.

Quando Klara não estava em casa, Varya tirou *O Livro da Adivinhação* de debaixo da cama dela e trepou para a sua. Deitou-se de bruços para dizer as palavras *haruspicia* (adivinhação pelo exame dos fígados de animais sacrificados), *ceromancia* (pelo exame de padrões de cera derretida), *rabdomancia* (com a ajuda de varas de sabugueiro). Nos dias frescos, a brisa que entrava pela janela agitava as árvores genealógicas e as velhas fotografias que ela tem presas à parede com fita-adesiva junto da cama. Através destes documentos segue as misteriosas e clandestinas transacções de características: genes que aparecem e desaparecem e tornam a aparecer, as grandes e desengonçadas pernas do avô Lev a saltarem Saul para surgirem em Daniel.

Lev veio para Nova Iorque num navio com o pai, um mercador de tecidos, depois de a mãe ter sido morta nos pogroms de 1905. Em Ellis Island, foram examinados por médicos e interrogados em inglês enquanto olhavam para o punho da mulher de ferro que vigiava, impassível, do mar que tinham acabado de atravessar. O pai de Lev reparava máquinas de coser; Lev trabalhava numa fábrica de roupas gerida por um judeu alemão que o deixava observar o *Sabat*. Lev tornou-se gerente-adjunto e depois gerente. Em 1930, abriu o seu negócio – a Gold’s Tailor and Dressmaking – numa cave em Hester Street.

Varya recebeu o nome da avó paterna, que trabalhou como guarda-livros no negócio de Lev até ambos se reformarem. Sabe menos

a respeito dos avós maternos – só que a avó se chamava Klara, como a sua irmã mais nova, e que veio da Hungria em 1913. Mas morreu quando a mãe de Varya, Gertie, tinha apenas seis anos, e Gertie raras vezes fala dela. Uma vez, Klara e Varya entraram à socapa no quarto da mãe e revistaram-no à procura de rastos dos avós. Como cães, detectavam no ar o mistério que rodeava aquele par, o cheiro a intriga e a vergonha, e foram meter o nariz na cómoda onde Gertie guarda a roupa interior. Na gaveta de cima, encontraram uma pequena caixa de madeira, lacada e com dobradiças douradas. Lá dentro havia um amarelecido monte de fotografias que mostravam uma mulher baixa e de ar atrevido, com cabelos pretos curtos e olhos de pálpebras pesadas. Na primeira vestia um fato de ginástica com saia, uma anca projectada para o lado, a segurar uma bengala por cima da cabeça. Noutra, montava a cavalo, inclinada para trás de barriga à mostra. Na que Varya e Klara mais gostavam, a mulher estava suspensa em pleno ar, pendurada numa corda que agarrava com os dentes.

Duas coisas disseram-lhes que aquela mulher era a avó delas. A primeira foi uma velha e encarquilhada fotografia, coberta de dedadas, em que a mesma mulher aparecia com um homem alto e uma criança pequena. Varya e Klara sabiam que aquela criança era a mãe, mesmo naquele tamanho reduzido: segurava as mãos dos pais com os punhos pequenos e gorduchos e tinha o rosto contraído numa expressão de consternação que Gertie ainda usava com frequência.

Klara reivindicou a caixa e o seu conteúdo.

– É minha – disse. – Tenho o nome dela. E a mamã nunca olha para ela, de todos os modos.

Mas não tardaram a descobrir que não era bem assim. Na manhã seguinte a Klara ter levado a caixa lacada para o quarto e tê-la escondido debaixo do beliche, ouviu-se um grito vindo do quarto dos pais, seguido pelas exaltadas perguntas de Gertie e as abafadas negativas de Saul. Momentos mais tarde, Gertie irrompeu no quarto dos beliches.

– Quem a tirou? – gritou. – Quem?

As narinas fremiam-lhe e as largas ancas tapavam a luz que costumava entrar vinda do corredor. Klara estava a escaldar de medo, quase

a chorar. Quando Saul saiu para ir trabalhar e Gertie desapareceu na cozinha, Klara voltou ao quarto dos pais e pôs a caixa exactamente onde a tinha encontrado. Mas Varya sabia que, quando não havia mais ninguém no apartamento, Klara voltava às fotografias e à mulher pequena e vibrante que mostravam. Contemplava a intensidade, o *glamour*, daquela mulher e jurava a si mesma que não desmereceria da sua homónima.



– Não olhem à volta dessa maneira – sibila Daniel. – Portem-se como se tivessem o direito de estar aqui.

Os Gold sobem a escada com passos rápidos. A tinta bege das paredes está lascada, os patamares são escuros. Quando chegam ao quinto andar, Daniel faz uma pausa.

– O que sugeres que façamos agora? – sussurra Varya. Gosta de ver Daniel atrapalhado.

– Esperamos – diz Daniel. – Que alguém saia de casa.

Mas Varya não quer esperar. Está nervosa, cheia de um medo inesperado, e avança sozinha pelo patamar.

Pensava que a magia devia ser detectável, mas as portas naquele andar são todas iguais, com as suas maçanetas de latão e os seus números. O *quatro* do número *cinquenta e quatro* pende de banda. Quando se aproxima da porta, ouve o som de uma televisão ou de um rádio: um jogo de basebol. Assume que uma *rishika* não deve interessar-se pelo basebol e volta para trás.

Os irmãos separaram-se. Daniel está junto ao poço da escada, de mãos nos bolsos, a vigiar as portas. Simon junta-se a Varya em frente do número cinquenta e quatro, põe-se em bicos de pés e empurra o *quatro* para o devido lugar, com a ponta do indicador. Klara afastou-se na direcção oposta, mas volta a juntar-se ao grupo. É seguida pelo cheiro a Breck Gold Formula, um produto que comprou poupando várias semanas; o resto da família usa Prell, que vem num tubo de plástico como a pasta de dentes e ejecta uma geleia acastanhada.

Apesar de troçar da irmã – *eu* nunca gastaria tanto dinheiro num champô –, no íntimo Varya tem inveja de Klara, que cheira a rosmaninho e a laranjas, e que neste instante levanta a mão para bater.

– Que estás a fazer? – sussurra Daniel. – Não sabes quem mora aí. Pode ser...

– Sim?

A voz que vem do outro lado da porta é baixa e rouca.

– Viemos ver a mulher – tenta.

Silêncio. Varya retém a respiração. Há um olho mágico na porta, mais pequeno do que a borracha na ponta de um lápis.

Do outro lado da porta, alguém tossica para aclarar a garganta.

– Um de cada vez – diz a voz.

Varya e Daniel trocam um olhar. Não estão preparados para se separarem. Mas antes que possam negociar, um ferrolho é corrido e Klara – que diabo lhe passou pela cabeça? – entra.



Ninguém sabe ao certo quanto tempo Klara fica lá dentro. A Varya parecem horas. Está sentada contra a parede com os joelhos encostados ao peito. Pensa em contos de fadas: bruxas que roubam crianças, bruxas que comem crianças. Uma árvore de pânico brota-lhe no estômago e cresce até que a porta se entreabre.

Varya põe-se de pé, mas Daniel é mais rápido. Não se consegue ver para dentro do apartamento, mas Varya ouve música – uma banda *mariachi*? – e o fervilhar de uma panela ao lume.

Antes de entrar, Daniel olha para Varya e para Simon.

– Não se preocupem – diz.

Mas eles preocupam-se.

– Onde está a Klara? – pergunta Simon, depois de Daniel desaparecer. – Por que não voltou a sair?

– Ainda está lá dentro – diz Varya, apesar de lhe ter ocorrido a mesma pergunta. – Hão-de lá estar quando nós entrarmos, a Klara e o Daniel. Se calhar estão só... à nossa espera.

– Isto foi uma má ideia – diz Simon.

Os seus caracóis louros estão empastados de suor. Porque é a mais velha e Simon o mais novo, Varya sente que devia ser capaz de cuidar dele, mas Simon é um enigma para ela; só Klara parece compreendê-lo. Simon fala menos do que os outros. Ao jantar, fica sentado de testa franzida e os olhos vidrados. Mas é rápido e ágil como um coelho. Por vezes, quando vai com ele à sinagoga, Varya dá por si sozinha. Sabe que Simon correu à frente ou se deixou ficar para trás, mas tem sempre a sensação de que ele desapareceu.

Quando a porta volta a abrir-se, o mesmo centímetro, Varya pousa uma mão no ombro dele.

– Está tudo bem, Sy. Entra tu, e eu fico cá fora de guarda. *Okay?*

De guarda contra o quê ou contra quem, não sabe muito bem – o patamar continua tão deserto como tem estado desde que chegaram. Na realidade, Varya é temerosa: apesar de ser a mais velha, prefere deixar os outros irem à frente. Mas Simon parece confortado. Afasta um caracol dos olhos antes de a deixar.



Sozinha, o pânico de Varya cresce. Sente-se separada dos irmãos, como se estivesse na margem a ver o barco deles afastar-se. Devia tê-los impedido de vir. Quando a porta volta a abrir-se, o suor fez uma poça por cima do seu lábio superior e encharcou-lhe o cós das calças. Mas é demasiado tarde para arrepiar caminho, e os outros estão à espera. Varya empurra a porta. Dá por si num pequeno apartamento tão cheio de coisas que ao princípio não vê ninguém. Há livros empilhados no chão como modelos de arranha-céus. As prateleiras da cozinha estão atulhadas de jornais em vez de comida e os alimentos não perecíveis amontoados ao longo da bancada: bolachas, cereais, sopas enlatadas, uma dúzia de variedades de chá. Há cartas de tarô e cartas de jogar, mapas astrológicos e calendários – Varya reconhece um em chinês, outro com números romanos e um terceiro que mostra as fases da Lua. Há um amarelecido *poster* do I Ching, cujos hexagramas recorda do

Livro da Adivinhação de Klara; um vaso cheio de terra; gongos e tigelas de cobre; uma coroa de louros; uma pilha de paus de madeira que parecem gravetos e onde estão gravados sulcos horizontais, e uma taça com pedras, algumas delas atadas a compridos pedaços de fio.

Só um recanto junto à porta parece ter sido desimpedido. Nesse espaço, há uma mesa desdobrável entre duas cadeiras desdobráveis. Ao lado há outra mesa mais pequena com rosas de tecido encarnadas e uma Bíblia aberta. À volta da Bíblia foram dispostos dois elefantes de gesso branco, uma vela votiva, uma cruz de madeira e três imagens: uma de Buda, uma da Virgem Maria e uma de Nefertiti, que Varya reconhece graças a um pequeno rótulo escrito à mão que diz *NEFERTITI*.

Varya sente uma pontada de culpa. Na escola hebraica ouviu condenar os ídolos, escutando, solene, o rabi Chaim ler o *Avodah Zarah*. Os pais não haviam de querer que estivesse aqui. Mas não foi Deus que fez a vidente, tal como fez os seus pais? Na sinagoga, Varya tenta rezar, mas Deus parece nunca responder. A *rishika*, pelo menos, dirá qualquer coisa.

A mulher está de pé em frente do lava-louça, a deitar folhas de chá numa delicada bola de metal. Usa um largo vestido de algodão, sandálias de couro e um lenço de pescoço azul-escuro; os compridos cabelos castanhos pendem em duas finas tranças. Apesar de ser grande, os seus movimentos são elegantes e precisos.

– Onde estão os meus irmãos?

A voz sai-lhe rouca, e Varya sente-se embaraçada pelo desespero que ouve nela.

As persianas estão descidas. A mulher tira uma caneca da prateleira de cima e põe a bola de metal lá dentro.

– Quero saber – diz Varya numa voz mais alta – onde estão os meus irmãos.

Uma chaleira assobia no fogão. A mulher apaga o queimador e ergue a chaleira acima da caneca. A água corre num fio grosso e transparente, e a sala enche-se do cheiro a erva.

– Lá fora – diz.

– Não, não estão. Esperei no patamar e eles não saíram.

A mulher avança para Varya. As suas faces pastosas, o nariz bulboso, os lábios franzidos. A pela tem um tom castanho-dourado, como a de Ruby Singh.

– Não posso fazer nada se não confiares em mim. Descalça os sapatos. Depois podes sentar-te.

Varya descalça os sapatos rasos e deixa-os junto à porta, obediente. Talvez a mulher tenha razão. Se recusar confiar nela, aquela viagem terá sido em vão, além de tudo o que arriscaram para a fazer: o olhar do pai, o desagrado da mãe, quatro conjuntos de semanadas poupadas. Senta-se à mesa desdobrável. A mulher pousa a caneca de chá à sua frente. Varya pensa em poções e venenos, em Rip Van Winkle e no seu sono de vinte anos. Então pensa em Ruby. *A rishika sabe coisas*, disse Ruby. *Não conseguiremos pagar-lhe o que fez*. Varya pega na caneca e prova o chá.

A *rishika* senta-se na cadeira desdobrável do lado oposto. Estuda os ombros rígidos de Varya, as suas mãos húmidas, a sua cara.

– Não tens andado a sentir-te muito bem, pois não, querida?

Varya engole em seco, surpreendida. Abana a cabeça.

– Tens estado à espera de te sentires melhor?

Varya está imóvel, mas sente o coração bater muito depressa.

– Preocupas-te – diz a mulher, a assentir com a cabeça. – Tens problemas. A tua cara sorri, ris, mas no teu coração não estás feliz; estás sozinha. Estou certa?

A boca de Varya treme a sua confirmação. Tem o coração tão cheio que receia que se parta.

– Isso é muito triste – diz a mulher. – Temos trabalho para fazer.

– Faz estalar os dedos e aponta para a mão esquerda de Varya. – A tua palma.

Varya chega-se para a beira da cadeira e oferece a mão à *rishika*, cujas mãos são ágeis e frescas. A respiração de Varya é rápida, superficial. Já nem se lembra de quando foi a última vez que um desconhecido lhe tocou; prefere manter uma membrana, com um impermeável, entre si e as outras pessoas. Quando volta da escola, onde as carteiras estão

pegajosas de dedadas e o recreio sujo pelos miúdos da infantil, lava as mãos até ficarem quase em carne viva.

– É mesmo capaz de o fazer? – pergunta. – Sabe quando vou morrer?

Tem medo dos caprichos da sorte: os comprimidos acastanhados que podem expandir a mente de uma pessoa ou virá-la do avesso; os rapazes aleatoriamente escolhidos e enviados para Cam Rahn Bay ou para a montanha de Dong Ap Bia, em cujas matas de bambu e ervas com quatro metros de altura foram encontrados mortos mil homens. Tem uma colega de turma na PS 42, Eugene Bogopolski, cujos três irmãos foram mandados para o Vietname quando ela e Eugene tinham nove anos. Voltaram os três, e os Bogopolski deram uma festa no seu apartamento em Broome Street. No ano seguinte, Eugene mergulhou numa piscina, bateu com a cabeça no fundo e morreu. A data da sua morte seria a única coisa – talvez a coisa mais importante – que Varya saberia de certeza.

A mulher olha para Varya. Os seus olhos são dois berlindes brilhantes e negros.

– Posso ajudar-te – diz. – Posso fazer-te bem.

Olha para a palma da mão de Varya, observa primeiro a forma geral, depois os dedos curtos, quadrados. Com cuidado, empurra o polegar para trás; não se dobra muito antes de resistir. Examina o espaço entre o quarto e quinto dedos. Aperta a ponta do mindinho.

– O que procura? – pergunta Varya.

– O teu carácter. Alguma vez ouviste falar de Heráclito? – Varya abana a cabeça. – Um filósofo grego. *Carácter é destino...* dizia ele. Estão os dois ligados, como irmãos. Queres conhecer o futuro? – Aponta para Varya com a mão livre. – Olha para o espelho.

– E se eu mudar?

Parece-lhe impossível o seu futuro já estar dentro dela, como um actor nos bastidores, a esperar décadas para entrar em palco.

– Nesse caso serias especial. Porque a maior parte das pessoas não o faz.

A *rishika* vira a mão de Varya e pousa-a em cima da mesa.

– Vinte e um de Janeiro de 2044. – A sua voz é desprovida de emoção, como se estivesse a falar da temperatura, ou a revelar o vencedor de um jogo. – Tens muito tempo.

Por um instante, o coração de Varya liberta-se e sobe. Em 2044 terá oitenta e oito anos. Uma idade mais do que decente para morrer. Então hesita.

– Como sabe?

– O que disse a respeito de confiares em mim? – A *rishika* franze as hirsutas sobrancelhas e a testa. – Agora quero que vás para casa e penses no que eu te disse. Se o fizeres, sentir-te-ás melhor. Mas não digas a ninguém, está bem? O que a tua mão mostra, o que eu te disse... é entre nós as duas.

A mulher olha para Varya, e Varya devolve-lhe o olhar. Agora que é ela a avaliadora e não a pessoa avaliada, acontece uma coisa curiosa. Os olhos da mulher perdem o brilho, os seus movimentos perdem a elegância. É demasiado boa, a sorte que lhe foi lida, e a sua boa sorte torna-se prova de que a vidente é uma fraude: às tantas, faz a mesma previsão a toda a gente. Varya pensa no feiticeiro de Oz. Como ele, esta mulher não é uma maga nem uma vidente. É uma embusteira, uma vigarista. Levanta-se da cadeira.

– O meu irmão deve ter-lhe pagado – diz, enquanto calça os sapatos.

A mulher levanta-se também. Dirige-se ao que Varya julgou ser a porta de um armário – está um *soutien* pendurado na pega, as copas compridas como a rede que Varya usa para apanhar borboletas, no Verão –, mas não: é uma saída. A mulher entreabre a porta e Varya vê uma faixa de tijolos encarnados, o patamar de uma escada de incêndio. Quando ouve as vozes dos irmãos virem lá de baixo, o seu coração incha.

Mas a *rishika* está à sua frente como uma barreira. Belisca-lhe o braço.

– Vai correr tudo bem para ti, querida. – Há no seu tom qualquer coisa de ameaçador, como se fosse urgente que ela ouça, que acredite. – Vai correr tudo bem.

Entre os dedos da mulher, a pele de Varya ficou branca.

– Largue-me – diz ela. Fica surpreendida pela frieza na sua voz. No rosto da mulher, uma cortina como que se fecha. Liberta Varya e afasta-se para o lado.



Varya desce com estrépito a escada de incêndio. Uma brisa acaricia-lhe os braços e agita a penugem de cabelos castanho-claros que começou a aparecer-lhe nas pernas. Quando chega ao beco, vê que as faces de Klara estão manchadas de lágrimas, o seu nariz pintado de rosa-vivo.

– Que se passou?

Klara volta-lhe costas.

– O que achas?

– Oh, mas não podes acreditar a sério... – Varya olha para Daniel, mas o rosto dele é de pedra. – Seja o que for que ela lhes disse... não significa nada. É tudo invenção. Não é verdade, Daniel?

– Certo. – Daniel volta-se e começa a caminhar em direcção à rua.
– Vamos embora.

Klara puxa Simon por um braço. O mais novo continua a segurar o saco de pano, tão cheio como quando chegaram.

– Eras suposto pagar-lhe – diz Varya.

– Esqueci-me – responde Simon.

– Ela não merece o nosso dinheiro. – Daniel está no passeio, de mãos nas ancas. – Venham!

Fazem em silêncio o caminho até casa. Varya nunca se sentiu tão longe dos outros. Ao jantar, depenica a sua costeleta, mas Simon não come nada.

– Que se passa, querido? – pergunta Gertie.

– Não tenho fome.

– Por que não?

Simon encolhe os ombros. Os seus caracóis louros parecem brancos à luz do candeeiro do tecto.

– Come a comida que a tua mãe cozinhou – diz Saul.

Mas Simon encolhe os ombros. Não se mexe.

– O que foi? – cacareja Gertie, de sobrelha franzida. – Não é suficientemente boa para ti?

– Deixem-no em paz.

Klara estende a mão para despentear os cabelos de Simon, mas ele afasta-se e empurra a cadeira para trás, com um guincho.

– Odeio-os! – grita, pondo-se pé. – Odeio-os! *A todos vocês!*

– Simon – diz Saul, e levanta-se também. Ainda veste a roupa que usou para trabalhar. Os seus cabelos, que começam a rarear, são mais claros do que os de Gertie, um invulgar louro-acobreado. – Não podes falar assim com a tua família.

É pouco convincente neste papel. Gertie sempre foi a disciplinadora. Agora limita-se a olhar, de boca aberta.

– Mas falo – diz Simon. E há espanto no seu rosto.